

MINICONTOS

Tatiane Mattos

O ADEUS DO VAGALUME

Aranha estava atenta no canto da parede perto do chão. O vagalume subia devagarinho em direção ao teto, com seu rabo piscando ao acaso, seduzido pelo movimento dos outros bichos na teia. A aranha se aconchegou no meio da parede cheia de calmas. O vagalume repuxou um pouco as patas dianteiras emaranhadas no fio e enroscou também as traseiras. A aranha abriu uma corrida até o teto, sentindo saliva escapar da boca. O vagalume a encarou bem de perto, abriu uma asa e, num lero lero debochado, levantou voo verde até a parede oposta. A aranha, pasma, acompanhou a fuga.

VERÃO

O primeiro que derreteu estava longe. Meia perna no chão, a cintura e o peito se desfazendo numa pequena poça d'água coloridinha, que sumiu esfumaçando o asfalto. Esfreguei frenética os olhos. Não demorou nada para acontecer mais uma, duas, três vezes e lá se foi o grandalhão enquanto corria na calçada. A mulher parou de falar e derreteu de boca aberta. A criança nem chorou quando o pé começou a liquidificar. Os carros permaneciam intactos, mas cabeças escorriam por seus volantes e bancos, enxarcando tudo. Sentei na sarjeta esperando a minha vez.